

ALFABETIZANDO E PROMOVENDO A INCLUSÃO DA PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR MANOEL TORRES - RECIFE/PE

KATIA REGINA BARBOSA BARROS

No início do ano letivo de 2012 havia uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, formada por 11 (onze) alunos, na qual havia se matriculado uma aluna com síndrome de Down. O desafio de integrar, desenvolver habilidades e competências e promover a inclusão me impulsionou para a busca do conhecimento na área da educação inclusiva, na construção de uma base teórica que seria o alicerce da minha prática pedagógica. A intervenção pedagógica teve por objetivos: promover a inclusão da criança com deficiência no contexto escolar de forma a desenvolver suas potencialidades e a sua competência leitora; e despertar, dos demais alunos e de toda a comunidade escolar, para o convívio com o diferente e a humanização nas relações interpessoais. Nos primeiros dias de aula foram muitas dificuldades enfrentadas: a não compreensão do que a aluna queria dizer; a agitação e dispersão constantes; as saídas repentinas da sala de aula; e a necessidade de realizar uma avaliação diagnóstica para saber o seu nível de conhecimento. Após um período de observação e avaliação contínua foi possível perceber que a mesma conhecia as letras e as nomeava, no entanto não sabia ler. Sua escrita estava no nível pré-silábico. Manuseava livros de histórias infantis muito rapidamente e não conseguia acompanhar a leitura de uma história. Nomeava os números do 0 a 10, mas tinha dificuldade em escrevê-los.

Utilizando vários recursos como figuras de revistas, cartilhas, livros, folhas de papel ofício, papel guache, tesoura e cola, como também imagens tiradas do *Boardmaker*, software de Comunicação Alternativa (CA), do tipo PCS (Picture Communication Symbols) distribuído pelo MEC para as Salas de Recursos Multifuncionais das Escolas Públicas. A utilização do *Boardmaker* facilitou a confecção de pranchas, de jogos, assim como a ilustração de histórias contadas e dramatizadas. No trabalho foi necessário que no dia a dia a turma fosse conhecendo seu jeito de ser, suas dificuldades e suas conquistas. Uma rotina diária de trabalho estruturada no diálogo e na razão de estarmos na escola foi fundamental para a boa interação. Com o tempo, entendê-la em suas expressões orais e gestuais tranquilizou a mesma e os demais alunos da escola, assim como toda a comunidade escolar.

As bases teóricas nos dão o alicerce para estruturar uma prática pedagógica coerente, mas só o fazer reflexivo pode conduzir a resultados satisfatórios. Saber que pessoas com Síndrome de Down têm uma boa memória visual e que trabalhar concretamente, através de vivências significativas são importantes para a aprendizagem, direciona o professor para uma organização diferenciada de suas aulas.